



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA- PARFOR
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA - PARFOR

LÚCIA DO SOCORRO DE CASTRO MENDES

PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE LEITURA E LITERATURA
INFANTOJUVENIL NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR: UMA
EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO FÁBULA

ABAETETUBA/PARÁ

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA- PARFOR
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA - PARFOR

LÚCIA DO SOCORRO DE CASTRO MENDES

PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE LEITURA E LITERATURA
INFANTOJUVENIL NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR: UMA
EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO FÁBULA

Artigo apresentado como requisito básico para a obtenção de grau de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa/PARFOR, orientado pela professora Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa.

ABAETETUBA/PARÁ

2018

**PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE LEITURA E LITERATURA
INFANTOJUVENIL NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR: UMA
EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO FÁBULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL), da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras- Língua Portuguesa, sendo analisado e aprovado pela Banca Examinadora formada pelos professores.

Aprovado em _____ de _____ de 2018.

Conceito: _____

Orientadora:

Prof.^a Dr^a Rosângela do Socorro Nogueira

Membro 01:

Prof.

Membro 02:

Prof.

PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE LEITURA E LITERATURA INFANTOJUVENIL NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR: UMA EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO FÁBULA

LÚCIA DO SOCORRO DE CASTRO MENDES¹

RESUMO

O presente trabalho, que tem como tema “a prática da leitura por meio da literatura infantojuvenil no 6º ano do ensino fundamental maior com o gênero fábula: Percepções discentes”, teve como objetivo analisar, a partir das opiniões da docente e dos discentes de uma turma de sexto ano, a contribuição da literatura infantojuvenil no desenvolvimento de habilidades de leitura na formação crítica e cidadã do aluno nas aulas de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental. Pautou-se no procedimento metodológico estudo de caso com pesquisa quali/quanti descritiva, a qual foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio da zona Urbana, com 19 alunos do 6º ano do ensino fundamental da turma: “A”, do turno da manhã, onde foram desenvolvidas atividades diversificadas, por meio do gênero fábula e produção de texto para promover o contato da turma com a literatura infantojuvenil e *a posteriori* aplicados questionários com perguntas abertas sobre leitura, ensino de leitura e literatura infantojuvenil a fim de coletar opiniões sobre como os alunos percebem essa relação na educação básica. Para tanto, a fim de fundamentar esta pesquisa no que concerne ao ensino da leitura e da escrita através da literatura Infantojuvenil, nas aulas de Língua Portuguesa, no ensino fundamental maior, foram estudados vários teóricos que discutem essa temática, sobre ensino da leitura tais como: Dolz (2004), Fernandes (2007), Freire (2008), GIL (2002), Lajolo, & Zilberman (1996), Lakatos & Marconi, (2010), Lima & Rosa (2012), Zilberman & Silva, (2008). Cagliari (2009). O interesse por essa pesquisa surgiu a partir da observação e da necessidade de oferecer um ensino de leitura diferenciado, utilizando a literatura Infantojuvenil nas aulas de Língua Portuguesa, visando despertar nos alunos a imaginação, curiosidade, criação, emoções, sentimentos, participação e a formação de leitores/escritores críticos e competentes. Nesse sentido, pode-se dizer que, através do resultado obtido, a leitura ocupa na escola um lugar privilegiado, sendo imprescindível na vida do ser humano.

Palavras-chave: Leitura. Literatura Infantojuvenil. Fábula.

ABSTRACT

The present work, which has as its theme "the practice of reading through the literature on children and young people in the 6th year of primary education with the genre fable: Perceptions of learning", had as objective to analyze, based on the opinions of the teacher and the students of a sixth grade class, the contribution of the children's literature in the development of reading skills in the critical formation and citizen of the student in the Portuguese Language classes of the 6th year of Elementary School. A case study with descriptive quali/quantitative research was conducted in a methodological procedure, which was carried out in a Municipal School of Primary and Secondary Education in the Urban zone, with 19 students from the 6th grade of the group: "A", from the in the morning, where diversified activities were developed, through the fable genre and text production to promote the contact of the class with the infantojuvenil literature and afterwards applied questionnaires with open questions about reading, reading teaching and children's literature in order to collect opinions about how students perceive this relationship in basic education. Therefore, in order to base this research in the teaching of reading and writing through the literature of children and adolescents, in the Portuguese language classes, in the major elementary school, several theorists have been studied that discuss this subject, about reading teaching such as (2008), Zilberman & Silva, (2008), and Zilberman & Silva (2008), as well as in the literature on the subject.). Cagliari (2009). The interest in this research arose from the observation and the need to offer a differentiated reading teaching, using the Children and Youth Literature in the Portuguese Language classes,

¹ Acadêmica do Curso de Letras Língua Portuguesa – PARFOR da Universidade Federal do Pará.

aiming to awaken in the students the imagination, curiosity, creation, emotions, participation and formation of critical and competent readers / writers. In this sense, it can be said that, through the result obtained, the reading occupies in the school a privileged place, being essential in the life of the human being.

Keywords: Reading. Children's Literature. Fable.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, que tem como temática “A literatura infantojuvenil no ensino de leitura”, teve como objetivo geral analisar, a partir das opiniões dos discentes de uma turma de sexto ano, a contribuição da literatura infantojuvenil no desenvolvimento de habilidades de leitura na formação crítica e cidadã do aluno nas aulas de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental e os objetivos específicos foram: compreender como os discentes entendem o que é leitura e Literatura Infantojuvenil; discutir o uso da Literatura Infantojuvenil na formação crítica do aluno; incentivar o trabalho com a Literatura Infantojuvenil nas aulas de Língua Portuguesa para desenvolver o gosto pela leitura e a formação cidadã.

Para a realização do procedimento metodológico, foi feito um estudo de caso com pesquisa quali/quantitativa descritiva, a qual foi realizada em uma escola de ensino Fundamental e Médio da zona Urbana do município de Igarapé-Miri, com a turma: 6º “A”, do turno da manhã, onde foram desenvolvidas atividades diversificadas, por meio do gênero fábula e produção de texto para promover o contato da turma com a literatura infantojuvenil e *a posteriori* aplicados questionários com perguntas abertas sobre leitura, ensino de leitura e literatura infantojuvenil a fim de coletar opiniões sobre como os alunos percebem essa relação na educação básica.

A fim de fundamentar esta pesquisa no que concerne ao ensino da leitura e da escrita através da literatura Infantojuvenil, foram estudados vários teóricos tais como: Dolz (2004), Fernandes (2007), Freire (2008), GIL (2002), Lajolo, & Zilberman (1996), Lakatos & Marconi, (2010), Lima & Rosa (2012), Zilberman & Silva, (2008), Cagliari (2009), que discutem essa temática, sobre o ensino da leitura. Esses autores nos conduzem ao pressuposto de que a aquisição de leitura é de fundamental importância em nossas vidas, pois, através dela, construímos conhecimentos, aprendemos, ensinamos e conhecemos outras culturas. A leitura pode ser motivada por diferentes situações de necessidade, prazer, divertimento, obrigação ou pode servir para passar o tempo.

Diante do exposto, o interesse por essa pesquisa surgiu a partir da observação e da necessidade de oferecer um ensino de leitura diferenciado, utilizando a leitura de literatura Infantojuvenil nas aulas de Língua Portuguesa no 6º do Ensino Fundamental maior, assim

como este estudo e as atividades propostas com a temática “Fabulas” são frutos do estágio de docência, visando despertar nos alunos a imaginação, curiosidade, criação, emoções, sentimentos, participação e a formação de leitores/escritores críticos e competentes. Nesse sentido, pode-se dizer que a leitura ocupa na escola lugar privilegiado, sendo imprescindível na vida do ser humano.

É importante ressaltar que a literatura Infantojuvenil é um possível caminho para desenvolver nos alunos o imaginário, emoções e sentimentos de forma lúdica, prazerosa e significativa. Através desse entendimento, podemos modificar o contexto e relacionar com aquele em que o educando está inserido.

Dessa forma, a escola tem como uma das funções sociais a responsabilidade de formar alunos competentes, dentro de um contexto social, por meio da literatura, sendo esta uma ferramenta eficiente para estimular o envolvimento e garantir a estes a motivação, interesse e o gosto pela leitura.

A literatura infantojuvenil é aquela que proporciona ao aluno descobrir um novo mundo, novos caminhos, em que os sonhos e a realidade e fantasia se incorporam, sendo que a realidade e a fantasia estão intimamente ligadas, permite ao aluno viajar, chegar a uma descoberta, atuar num mundo mágico. Nesse sentido, ela possibilita também a transformação e a modificação da realidade, sendo esta boa ou ruim.

Este artigo consta de três (03) sessões a saber: a primeira sessão tem como tema: “a importância da leitura e da escrita na educação com os seguintes subtítulos: a leitura através da literatura infantojuvenil; o ensino de leitura a partir dos gêneros textuais; o gênero fábula; características da fábula. Nesta sessão foi discutida a importância da leitura, através da literatura infantojuvenil, enfatizando a leitura, por meio do gênero fábula.

A segunda sessão apresenta o procedimento metodológico com os seguintes subtítulos: locus da pesquisa; os participantes da pesquisa e procedimentos de análise. É importante ressaltar que nesta sessão a pesquisa desenvolveu-se em dois momentos: o primeiro momento foi com atividades diversificadas com o gênero fábula, no período de estágio de regência e o segundo momento foi aplicado um questionário com os alunos e com a professora regente da turma.

A terceira sessão faz uma abordagem acerca das atividades desenvolvidas em sala de aula com os alunos, com os seguintes subtítulos: o que os alunos dizem sobre a leitura e a literatura infantojuvenil a concepção e gosto discente de/pela leitura e a literatura infantojuvenil. Onde foi possível constatar as respostas dos alunos que foram tabuladas, por meios de gráficos e tabela.

1. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO

O estímulo à leitura e à escrita deve ser iniciado logo na infância, pelos pais e familiares. O simples fato de se ler historinhas para as crianças dormirem ajuda também a despertar o interesse pela leitura entre os pequeninhos e estimular a imaginação e a escrita. Neste sentido, é importantíssimo, no ensino das crianças, ajudar a descoberta do mundo maravilhoso da leitura e da escrita desde a formação com as letras na pré-escola e pequenos textos na alfabetização. A leitura de pequenos textos e as figuras estimulam a imaginação e o gosto pela leitura.

Pode-se dizer que a leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento, mas, sendo a escola a responsável pela leitura e escrita, é necessário que haja melhoria no processo de ensino-aprendizagem de nossos alunos. Além disso, é necessário que a escola coloque os educandos em contato com diversos tipos de textos, para que eles possam ter vontade e desejo de entregar-se à leitura. Nas palavras de Lajolo (1996, p. 59):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhes significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

O que se pode inferir sobre isso é que, para além da decifração de letras ou palavras em um texto, é necessário desenvolver habilidades relacionadas à compreensão, pois essas habilidades são essenciais para a construção do conhecimento e para a formação do indivíduo, além de serem geradoras de sentimento e de opinião crítica, contribuindo para que o sujeito seja estimulado a expandir seus horizontes e se sinta capaz de levantar questionamentos e hipóteses.

O aluno não precisa saber ler e escrever para que o professor inicie o trabalho com a leitura. A leitura é um dos conteúdos do currículo que deve ser trabalhado em todos os anos de escolaridade. A instituição escolar é, portanto, o ambiente no qual as práticas de leituras e escritas estão mais propícias a se desenvolverem. No entanto, na concepção de Freire (2008), a prática de leitura é essencial na vida de cada indivíduo. Para ele, a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, sendo esta primordial para transformação e construção da história do sujeito. Ela também possibilita ao aluno fazer uma leitura crítica do mundo que os cerca.

Na visão de Zilberman e Silva (2008):

[...] o exercício da leitura do texto literário em sala de aula pode preencher esses objetivos, conferindo à literatura outro sentido educativo, talvez não o que responde as intenções de alguns grupos, mas que auxilia o estudante a ter mais segurança relativamente às suas próprias experiências (ZILBERMAN; SILVA, 2008, p. 20).

Conforme a autora, a leitura em sala de aula é muito importante, porque é através dela que todos os objetivos da prática educativa são atingindo, visando com isso o processo ensino aprendizagem dos educando. Nesse sentido, entende-se que a prática de leitura e escrita são fundamentais para o desenvolvimento prático do cidadão. Conforme Cagliari (2009, p. 89), “[...] a escrita requer decifração para ser entendida, e decifrar é devolver o texto escrito à forma oral de realização da linguagem”, destarte, as práticas de ler e de produzir textos escritos estão numa via de sentido único no trajeto de aprendizagem.

Por isso, acreditamos que, durante as práticas de leitura, o educando se utiliza de vários materiais escritos, seja através de desenhos, gravuras ou ilustrações, como modo de expressão, pois ele registra nesses escritos o que lhe foi mais significativo na leitura. Desse modo, não podemos pensar em leitura dissociada da escrita, visto que ler e escrever são ações complementares (COSTA, 2008, p. 66).

No entanto, quando imaginamos práticas de leitura e escrita pensamos de imediato no ambiente escolar. Cagliari (2008, p. 103) enfatiza que a escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura e a prática desta deve ser concebida e praticada como meio de transformação pessoal e social, pois ela se constitui como uma necessidade para todas as pessoas como um dos requisitos essenciais para a cidadania. Por isso, o acesso à escolaridade, à leitura e à escrita está na pauta de todos os planos governamentais:

Estado, universidades, setor privado e organizações da sociedade civil discutem a relação entre leitura e inserção social, vinculando a importância da leitura à escola e revelando o surgimento e o desenvolvimento de políticas públicas que se ocupam em tornar melhor as condições de letramento da população” (FERNANDES, 2007 p. 10)

Mesmo o governo assegurando, constitucionalmente, os direitos educacionais, questiona se as destrezas ler e escrever, imprescindíveis para o exercício da cidadania, estão realmente se efetivando na sociedade brasileira. A partir de uma série de pesquisas, concluiu-se que a falta de habilidade e hábitos de leitura e escrita da população estão intimamente associados às diversas formas de desigualdade e exclusão social.

Ler e escrever são tarefas da escola, questões para todas as áreas, uma vez que são habilidades indispensáveis para a formação de um estudante, que é responsabilidade da

escola. Ensinar é dar condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor de conhecimento.

As habilidades envolvidas na leitura e na produção de textos devem ser ensinadas em contextos reais de aprendizagem, em situações em que faça sentido aos estudantes mobilizar o que sabem para aprender com os textos. Aprender a ler de forma competente é muito mais do que decifrar mensagens, trata-se de procurar um sentido e questionar algo escrito a partir de uma realidade. Para tanto, é preciso colocar em prática estratégias de leitura que auxiliem os alunos a interpretar e compreender os textos lidos de forma mais autônoma;

Pois é em sala de aula, que há, geralmente, estudantes com conhecimentos diferentes sobre a leitura e a escrita, independentemente de manterem semelhanças quanto à idade ou ao ano escolar. Lidar com essa diversidade é uma realidade a ser enfrentada por professores de diferentes áreas, que precisam dispor de sensibilidade e instrumentos para diagnosticar a proficiência leitora e escritora de seus alunos e, no processo de ensino e aprendizagem, escolher situações didáticas que conciliem os conteúdos específicos das áreas. Para Cagliari (2009):

Nesse caso, a leitura tornar-se-á um poderoso instrumento contra a alienação das camadas populares, pois através dela será possível libertar os cidadãos da ignorância, ampliando os horizontes para diversos assuntos e problemas vigentes na sociedade, além de favorecer a aprendizagem da diversidade cultural de cada país (CAGLIARI, 2009, p. 14).

Um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender às suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos. (BRASIL, 1997)

1.1 A LEITURA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Há uma forte identificação dos jovens com estes textos atuais: os conflitos de personalidade, o amor que vence todas as convenções, a vida eterna sem limites, os fortes laços de amizade, a disputa entre o bem e o mal e tantas outras mazelas e alegrias que estão na ficção, mas também na realidade de cada um. É preciso que saibamos o porquê do encantamento com estes textos.

A literatura Infanto-juvenil é, antes de tudo, literatura, ou melhor é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra.

Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (CAGNETI, 1996 p. 07).

A literatura exerce, então, influência na construção da realidade do leitor, através do imaginário e da fantasia, que o leva a tomar consciência sobre si e sobre o mundo e o ser cidadão que o circunda, isto é, ela não só reflete a realidade como também contribui para sua transformação. Isso acontece porque a literatura é um ato de criação, sendo considerada, portanto, como linguagem artística de representação da realidade.

De acordo com Candido (2000), o ensino de leitura através da Literatura Infantojuvenil pode se constituir como fator primordial de libertação e de transformação do aluno, na medida que permite a este cidadão refletir criticamente. Nesse sentido, a aprendizagem da leitura é vista como causadora de bem-estar do povo e também proporciona a emancipação do cidadão, assim como a assimilação dos valores em sociedade.

Na visão de Riche (1999, p. 130), a leitura de textos literários tem uma função social na vida do indivíduo na medida em que facilita a compreensão, abre espaço para os questionamentos e busca a formação de um novo homem, visando à integração do homem, sendo considerada a mola mestra que se transforma em prática social.

A partir da década de 80, em decorrência da prioridade e da urgência do trabalho de formação de leitores, a literatura infantojuvenil acaba sendo privilegiada pelas políticas públicas do governo. Dois importantes programas são criados: Programa Nacional Salas de Leitura – PNSL – (1984-1996), para a distribuição de livros de literatura infantil às escolas; e Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE – (1997- 2002), para a distribuição de obras literárias de referência e outros materiais de apoio às escolas públicas do ensino fundamental. Foi criada uma Comissão Especial, formada por intelectuais, para decidir que obras fariam parte deste acervo.

Pode-se dizer que as obras literárias vêm para firmar o espaço da leitura e da escrita na escola enquanto formação de leitores e escritores. Sendo assim, é importante que o educador não dê a todos os gêneros textuais um caráter utilitário, porque o prazer de ler está relacionado ao prazer de criar novas situações, de introduzir-se num mundo diferente através de diversos gêneros literários, num mundo de sonhos e ações dos personagens, desmistificando preconceitos e contextualizando fatos com sua própria realidade, pois somente dessa forma o ensino de Língua Portuguesa com textos literários nas aulas de leituras e escritas pode contribuir para a formação de cidadãos mais compreensíveis e mais humanos.

Trabalhar com literatura nos permite ter contato com diferentes emoções e visões de mundo, com propostas inovadoras, capazes de mostrar que esses textos em sala de aula

podem, sim, formar leitores, sem deixar de preparar o estudante para a vida prática, a expressividade verbal e o desenvolvimento de sua imaginação criadora (CAGNETI; ZOTZ, 1986, p. 23).

Segundo a concepção de Abramovich (1997, p. 143), é importante que o professor selecione um material literário de qualidade, que permita ao aluno pensar criticamente e reformular seu pensamento, usando em sala de aula textos literários que apresentem uma proposta ficcional, mas sempre fazendo a relação com o real; que atenda o imaginário dos leitores e permita exercitar novas possibilidades para perceber o mundo a sua volta. Contrariando, assim, os textos que objetivam inculcar valores, mudar comportamentos ou informar ao leitor, por meio de texto ficcional ou dos personagens, sobre determinado assunto.

No entanto, é preciso rever a postura do educador que se preocupa em formar leitores sem analisar profundamente para que queira formar leitores. Essa revisão implicará, sem dúvida, na construção e uso de uma metodologia mais adequada para a formação do leitor literário, promovendo como práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, rompendo com as práticas estéreis de literatura, ou seja, que exigem o domínio das informações sobre a literatura ou impera a ideia que o importante é que o aluno leia, não se importando com o prazer de ler.

1.3 O ENSINO DE LEITURA A PARTIR DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Por que tomar os gêneros textuais como objeto de ensino e aprendizagem? Mais ainda, por que torná-los o foco central no ensino relativo ao componente curricular Língua Portuguesa?

As práticas de linguagem são mediadas por instrumentos culturais e históricos, ou seja, por gêneros textuais. Se a escola investe no ensino dos gêneros, estará facilitando, portanto, a apropriação dos usos da língua. Explica ainda Schneuwly (2004, p. 24) que “o instrumento, para se tornar mediador, para se tornar transformador da atividade, precisa ser apropriado pelo sujeito; ele não é eficaz senão à medida que se constroem, por parte do sujeito, os esquemas de sua utilização”.

É preciso pensar problemas de linguagem de diferentes níveis de dificuldade que vão se aprofundando com o avançar da escolaridade. Tais problemas estariam relacionados às capacidades de linguagem: capacidades de ação (representação do contexto social, no qual a situação de interação está inserida), capacidades discursivas (estruturação discursiva dos

textos) e capacidades linguístico-discursivas (escolha de unidades linguísticas) (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004).

Para realizar esse trabalho progressivo com os gêneros, o professor precisa conhecer bem quais habilidades os seus alunos já possuem e estabelecer quais são aquelas almejadas (perfil de entrada e perfil de saída esperado para aquele ano). Então, diagnosticar sempre deve ser sua primeira ação.

A princípio, lembramos que a prática de utilização de diferentes textos em sala de aula deve ser constante em todos os anos do Ensino Fundamental. No que diz respeito ao ensino fundamental maior, ela deve estar articulada com as atividades relacionadas à produção textual e leitura.

1.3.1 O gênero fábula

Bakhtin (1953) foi um autor que definiu inicialmente a teoria de gênero textuais, considerando como um grupo de enunciados que possui uma certa estabilidade e finalidade, dependendo das ações humanas que são realizadas através da linguagem, sendo que “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos” (BAKHTIN, 1953, p. 282). Para o autor, o conhecimento da linguagem dá-se através enunciados reais concretos, permitindo, assim, desenvolvimento da capacidade intelectual do indivíduo. Assim, a concepção de Luiz Antônio Marcuschi (2008) é de fundamental importância trabalhar nas aulas de Língua Portuguesa a leitura e a escrita com os gêneros de tipologia textual definida, pois o autor entende que a língua é utilizada para praticar segurança na produção discursiva oportunizando mais entendimento para o receptor.

Para Lopes & Rossi (2002), os objetivos da leitura e escrita tornam-se mais específicos quanto maior for o domínio do gênero, pois ele também facilitará uma postura crítica em relação ao texto lido, que é através da leitura que o indivíduo consegue inferir um texto com desenvoltura e analisá-lo de forma coerente e preciso, como podemos observar nos textos fábulas. Vale ressaltar que fábulas são narrativas curtas, ficção alegórica, que relatam uma situação do cotidiano, frequentemente por meios dos animais que tinham características humanas e tem uma linguagem simples e fácil entendimento. Mensagens com conselhos, reflexão e, quase sempre, no final, tem uma moral, que transmitem ensinamentos, assim como sugere uma verdade ou uma reflexão, por meio de uma linguagem que pode ser formal ou informal. (SOUSA, 2003). O gênero fábula surgiu no ano de (1968), com as narrativas de Jean La Fontaine. O autor utiliza esse gênero textual, visando delatar as misérias e as injustiças sociais de sua época.

Como ressalta Coelho (1985, p.24),

[...] paixões, vícios, impulsos ou desejos de natureza humana [...] tais valores continuaram presentes e vivos na linguagem imagística ou simbólica que os expressou em arte. Continuam falando aos homens, porque devido à *verdade geral* que expressam e ao “meio” metafórico com que foram concretizados, podem ser continuamente atualizados. Isto é, aludir a mil outras e diferentes Circunstâncias particulares com a mesma verdade com que foram expressos originalmente.

Segundo Coelho (1985), os valores integram o conhecimento, a família, a escola e a vida em sociedade, vinculam o ensinamento ministrado na escola às circunstâncias da vida, construindo uma consciência de ética e da estética do bem. As fábulas oferecem conteúdo para aplacar nossa sede de encontrar o ponto de coexistência das tensões positivas e negativas da personalidade. Muitos são os valores que podem ser trabalhados através das narrativas: amor, curiosidade, prudência, honestidade, paciência, respeito, responsabilidade. É impossível falar em educação sem trabalhar valores com os alunos.

Vale ressaltar que as fábulas tinham o objetivo de aconselhar e ensinar comportamentos, valores e princípios a partir de uma narrativa mítica relacionada a situações que, por ventura, viessem a acontecer na vida real, para repassar uma lição ou até mesmo ironizar o comportamento dos adultos. No processo de interação texto/leitor, a leitura de fábulas passa a ser observada a partir do contexto sociocultural e sua interpretação parte do conhecimento de situações da vida cotidiana no sentido de desvelar o teor didático desses textos. Isso é o que afirma Marcuschi (2008, p. 98), quando ressalta que “os conhecimentos individuais afetam decisivamente a compreensão, de modo que o sentido não reside no texto”.

Para atingir seus fins didáticos, a fábula, como gênero textual inscrito no campo literário, guarda algumas características que a sustentam como tal. Essas características estão resumidas na seção a seguir.

1.3.2. CARACTERÍSTICAS DA FÁBULA

A fábula estabelece um entrelaçamento entre dois planos de significados: o denotativo, ou usual, e o conotativo, ou figurado. No denotativo, tem-se uma historieta protagonizada por animais, como lobos, leões e formigas. Entretanto, esses animais têm atitudes e apresentam características e estados de espírito típicos dos seres humanos, o que desencadeia um segundo plano: o conotativo.

Outras características das fábulas são apontadas por Sousa, 2003, p. 188:

- Brevidade;
- Foco narrativo em terceira pessoa;

- Predominância de diálogos e sequências narrativas;
- Animais antropomorfizados como protagonistas;
- Referência às personagens no título;
- Unidade de ação, tempo (indeterminado) e espaço;
- Intenção crítica e satírica;
- Objetivo pedagógico, ético ou moral.

Dado seu caráter situado entre o campo denotativo e o campo conotativo, pode-se dizer que o gênero fábula, em meio as suas características, coloca-se como um gênero pertinente para o desenvolvimento de habilidades da leitura no cotidiano da sala de aula. Através do foco narrativo em terceira pessoa, entre outras coisas, o professor poderá trabalhar a questão do verbo, na predominância de diálogos e sequências narrativas, além das habilidades de reconhecimento de tipologias textuais. Além disso, a partir desse gênero, o educador pode indicar as possibilidades interpretativas, com base no contexto, das várias formas de sátiras, assim como tratar do aspecto criativo da linguagem e da literatura a partir da possibilidade de dar caracterização humana aos animais irracionais ou objetos.

Enfim, o trabalho com texto literário fábula em sala de aula contribui de modo significativo para a motivação dos educandos. Podem ser utilizados textos que eles já conhecem ou aqueles que vêm circulando na esfera social, pois se entende que esse gênero instiga os interesses dos alunos, desperta o senso crítico, forma leitores e escritores competentes, favorece o resgate de certos valores como: o amor, a caridade, o respeito, entre outros.

Dadas essas considerações sobre o ensino de leitura a partir da perspectiva dos gêneros textuais e, mais especificamente, sobre o gênero textual fábula e sua aplicabilidade nas aulas de leitura, trataremos da metodologia que permitiu a realização dessa pesquisa.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado, por meio de um estudo de caso com pesquisa quali/quantitativa, sendo realizada numa escola de Ensino Médio da zona Urbana do Município de Igarapé-Miri, numa turma de 19 (dezenove) alunos, eles possuem faixa etária entre 11(onze) e (treze anos de idade), são do 6º Ano “A”, do ensino fundamental, turno manhã, onde foi desenvolvida atividades diversificadas, por meio do gênero fábula e produção de texto

Vale destacar que as atividades desenvolvidas, por meio do gênero fábulas, partiram do plano de regência, as quais foram executadas na pesquisa de campo com uma turma do 6º

ano do ensino fundamental. Das diversas formas, de métodos destacam-se as fábulas como ferramenta essenciais para o processo educativo, sendo estas uma das atividades pedagógicas significativas para o processo ensino-aprendizagem do discente.

Diante do exposto se faz necessário afirmar que a pesquisa com o gênero fábula me proporcionou um vasto conhecimento, pois através dela pude compreender a importância e a forma de como trabalhar a leitura por meio da literatura infantojuvenil, para a melhoria da minha prática pedagógica em sala de aula, assim como para oferecer aos alunos um ensino de qualidade e mais eficiente.

De posse das leituras, formularam-se fichamentos e resenhas, construindo, assim, o suporte teórico necessário para a análise dos dados. Estes foram coletados durante a segunda etapa de execução deste artigo, quando aplicamos aos alunos questionários mistos com questões relativas ao uso de material sobre a leitura de fábulas.

2.1 LÓCUS DA PESQUISA

2.1.1 Um pouco sobre Igarapé-Miri/PA

O Município de Igarapé-Miri/Pará, está localizado no Nordeste Paraense zona do baixo Tocantins, contém uma área territorial de 2.000,739 Km², de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2014 (IBGE, 2014), o Município de Igarapé-Miri/PA, tem 59,998 habitantes. Igara. Os habitantes se chamam igarapemiriense. (LOBATO, 2000).

A cidade limita-se ao norte com o município de Abaetetuba, a leste com o município de Moju, ao sul com Mocajuba, e a oeste com o município de Cametá. Situado a 10 metros de altitude, de Igarapé- Miri/PA, as coordenadas geográficas do município Latitude: 1° 58' 37" SulLongitude: 48° 57' 34" Oeste.. (LOBATO, 2000).

Caracteriza-se por ter uma economia baseada no extrativismo vegetal mais precisamente o açaí, que resultou na denominação de Capital Mundial do Açaí, O setor público é o principal empregador, havendo um grande índice de desemprego resultante de uma estrutura social, onde a exclusão é cada vez maior. (LOBATO, 2000). O clima do município corresponde ao megatérmico, tipo Am da classificação de Köppen. O clima corresponde ao clima da Região Norte do Brasil: equatorial quente e úmido.

2.1.2 Um pouco sobre de Ensino Fundamental e Médio do Igarapé-Miri/PA

A presente pesquisa foi realizada numa Escola de Ensino Fundamental e Médio, na zona urbana do Igarapé-Miri/PA, bairro centro. É importante mencionar que a escola em

estudo é da rede estadual, atende alunos do Ensino Médio, de 1º, 2º e 3º anos regular e EJA 1ª etapa e 2ª etapas (Educação de Jovens e adultos), sendo que a referida escola trabalha em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, sede espaço para rede municipal, ofertando vagas para alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, nos turnos, manhã, tarde e noite. Outro fator importante a ser destacado que a maioria destes são da zona rural, de bairros periféricos e encontram-se em área de risco, envolvendo-se com drogas, furtos, roubos e alguns cumpre medidas socioeducativa, etc.

A referida escola tem como Filosofia “**Educar para a Vida**”. Nesse sentido a escola desenvolve com seus alunos projetos Educacionais com temáticas diversificadas como: A Conservação do Patrimônio Público, Viajando pelo Mundo da Leitura, Leitura: Uma Janela para o Mundo do Saber, Café com sexualidade etc. Tais projetos favorecem aos alunos oportunidades de aquisição de novos conhecimentos. Além de possibilitar a trilharem novos horizontes, numa visão cidadã, ela também oferece aos alunos com deficiência atendimento educacional especializado com profissionais qualificados, que fazem atendimento no contra turno, para os alunos do ensino Médio.

No que diz respeito ao espaço físico, a escola tem um total de 17(dezessete) salas de aulas, 02(duas) secretarias 01(uma) do ensino médio outra do Ensino fundamental, 01(uma) biblioteca que atende alunos das duas modalidades de ensino, 01(uma) sala do AEE (atendimento educacional especializado), que atende somente alunos com deficiência do ensino Médio, 01(um) laboratório de informática, 01(um) laboratório multidisciplinar, 01(uma) copa/cozinha nesse espaço que os alunos fazem o lanche e brincam no horário do recreio, 01(um) auditório, onde são realizados os eventos da escola, 01(uma) sala dos Professores, 01 (uma) sala da coordenação pedagógica do ensino Médio, 01(uma) sala que funciona a xerocadora e 01(uma) lanchonete.

É importante ressaltar que o ensino fundamental em parceria com a Secretaria Municipal de Educação oferece aos seus educandos o programa mais educação do governo Federal, atendendo estes com 03 (três) turmas no contra turno, sendo ministradas oficinas de Letramento, matemática, dança, futsal e voleibol. Além de desenvolver outros projetos na escola em parceria com o Ensino Médio para serem apresentados nas feiras, no recreio cultural e outros eventos que a escola promove.

Dessa forma, a instituição educacional acima mencionada, trabalha por meio de atividades diversificadas envolvendo a interdisciplinaridade, assim como desenvolve projeto de leitura, feiras científicas e atua com programas do Governo Estadual e Federal como: Mundiar para o ensino médio, o mais educação para o ensino fundamental e os Jogos

esportivos que é tanto para o ensino fundamental quando para o médio. A mesma é mantida pelo Programa Dinheiro Direto da escola- DDE do Governo Federal, pela SEDUC e pela SEMED (Fonte-PPP DA ESCOLA, 2016).

2.2. OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com 19 alunos do 6º ano do ensino fundamental da turma: “A”, do turno da manhã, onde foram desenvolvidas atividades diversificadas, por meio do gênero fábulas e produção de texto. Depois das atividades, que tiveram a finalidade promover o contato da turma com práticas de leitura baseadas na literatura infantojuvenil, foi aplicado um questionário com nove (09) questões abertas que giravam em torno da concepções de leitura dos participantes, do gosto pela leitura, dos gêneros que liam e de como concebiam a literatura infantojuvenil.

2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A pesquisa iniciou com 06 atividades durante o mês de maio de 2018, quando a pesquisadora foi ao lócus da pesquisa e fez as atividades diversificadas, usando como gêneros básico a fábula, no período da execução das atividade vivenciada em sala, a pesquisadora entregou a 19 (dezenove) alunos do 6º ano do ensino fundamental maior um questionário com 09 (nove) questões abertas. Após o preenchimento do questionário, a pesquisadora recebeu das mãos do educandos. Em sequência, foi realizada a tabulação dados, os quais estão tratados na seção a seguir.

3. AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA COM OS ALUNOS

No período de 04 a 26 de maio de 2018, foram desenvolvidas 06 atividades diversificadas, compreendida em 03 hora aulas cada atividades, cujo o texto básico foi “Os Três Porquinhos”, que foi trabalhado com: filmes, cartaz, textos impressos e vários textos complementares tendo como foco do trabalho o gênero fabula.

Na primeira atividade desenvolvida em sala de aula, foi feita a leitura individual e coletiva da fábula “Os três porquinhos”, sendo abordado o conteúdo “Leitura e Oralidade”. No segundo momento, foi trabalhado com os alunos atividade de produção textual oral e escrita, partindo da temática sobre as desigualdades sociais. Na terceira etapa, foi a refracção do texto produzido anterior. No quarto momento, a atividade desenvolvida contemplou a análise linguística na produção textual. Na quinta etapa, foi realizada na turma a socialização do texto produzido e a confecção das máscaras dos personagens do conto “Os três

porquinhos” para apresentação da peça teatral. No último momento, foi desenvolvida uma atividade de culminância com apresentação da peça teatral “Os três Porquinhos”.

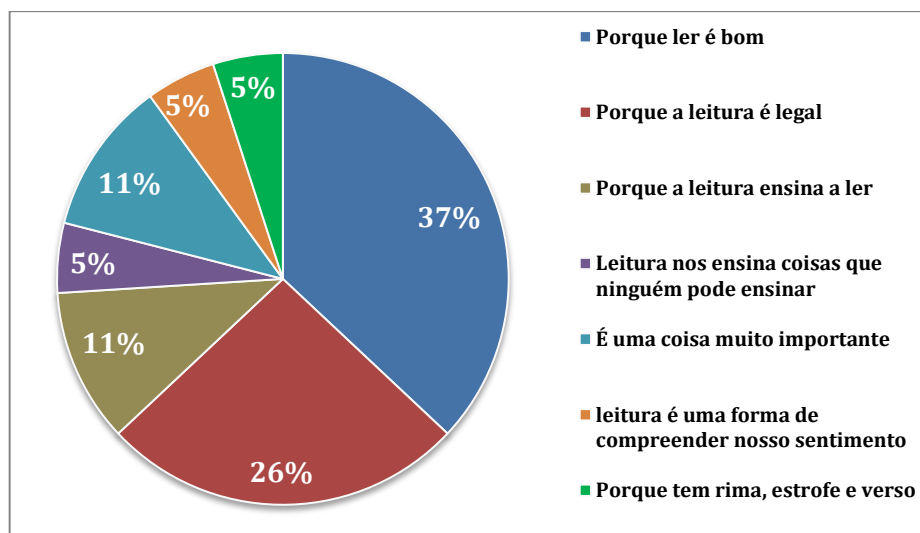
Após as atividades desenvolvidas durante o estágio de regência em sala de aula e a aplicação do questionário com os 19 (dezenove) alunos, visando obter informações sobre a contribuição da literatura infantojuvenil no desenvolvimento de habilidades de leitura na formação crítica e cidadã do aluno nas aulas de Língua Portuguesa.

3.1 O QUE OS ALUNOS DIZEM SOBRE A LEITURA E A LITERATURA INFANTOJUVENIL

Buscando conhecer a concepção dos alunos acerca de como eles avaliam as aulas de língua portuguesa, por meio da leitura de fábulas, neste trabalho usou-se a pesquisa quali/quantitativa para a classificação da pesquisa em sala de aula. Desta forma, foi possível constatar as respostas dos alunos que foram tabuladas, por meios de gráficos e tabela. Vejamos os resultados:

3.2 CONCEPÇÃO E GOSTO DISCENTE DE/PELA LEITURA E A LITERATURA INFANTOJUVENIL

Gráfico 01: O que você entende por leitura?



Fonte: Pesquisa da autora.

O gráfico 01 demonstra o entendimento dos alunos sobre a leitura. Como se pode observar 37% porque ler é bom; 26% porque a leitura é legal; 11% porque a leitura ensina ler; 5% leitura nos ensina coisas que ninguém pode ensinar; 11% é uma coisa muito importante; 5% leitura é uma forma de compreender nosso sentimento; 5% porque tem rima, estrofe e verso.

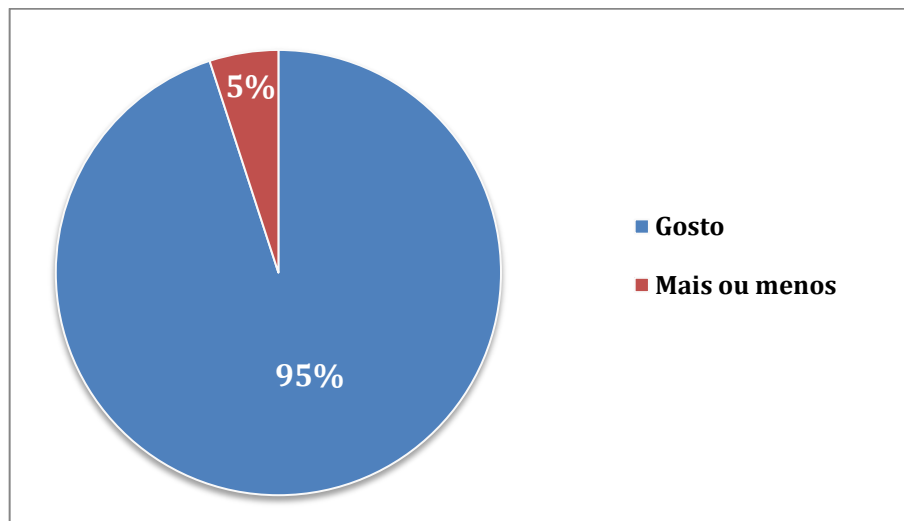
5% leitura é uma forma de compreender nosso sentimento; 5% porque tem rima, estrofe e verso. Leitura é uma forma de absorver conhecimentos.

No nosso entendimento, a leitura pode estar relacionada a todas estas questões, como tudo o que não podemos de imediato imaginar. A leitura é o próprio ato de ver, na sua concretude ou representado por meio da escrita, do som, da arte, dos cheiros. A leitura é uma experiência cotidiana e pessoal representativa para cada pessoa. Minha leitura é só minha, incapaz de ser a do outro. A convergência total neste ponto inexistente, e é aí que se encontra o grande encanto da leitura, recheada de tantos outros, mas tão única para um só. (FREIRE, 2008).

Educar é mostrar que mudanças são possíveis a partir de ações humanas. E a leitura de textos literários desempenha papel fundamental na transformação do ser humano é encaminhamento para uma vida melhor a todos. A leitura é libertadora. O leitor procura na ficção elementos que expressem seu mundo interior. Por isso que “leituras significativas confundem-se com nosso cotidiano, tornam-se lembranças perenes, explicam nossa própria vida” (ZILBERMAN & SILVA, 2008, p. 59).

A leitura permite que pensemos o pensamento implica aprendizagem. Onde é possível dialogamos com o autor, posicionamo-nos e a escola deve entender e conduzir o trabalho com a leitura literária como um diálogo com a alteridade, onde o aluno deve mostrar-se. A escola e todo seu aparato devem provocar boas lembranças de leitura. As atividades pedagógicas devem provocar prazer, gosto pelo ato de ler. Os professores devem incorporar a leitura no universo do ensino, transformando o abstrato e concreto, suscitado dentro da sala de aula o gosto da leitura.

Gráfico 02: Você gosta de ler?



Fonte: Pesquisa da autora.

O gráfico 02 demonstra o entendimento dos alunos se eles gostam de ler. 95% disseram que gostam e 5% mais ou menos. Desta forma, constatou-se por meio da justificativa que a maioria dos educandos gostam de utilizar-se da leitura como meio de aprendizagem.

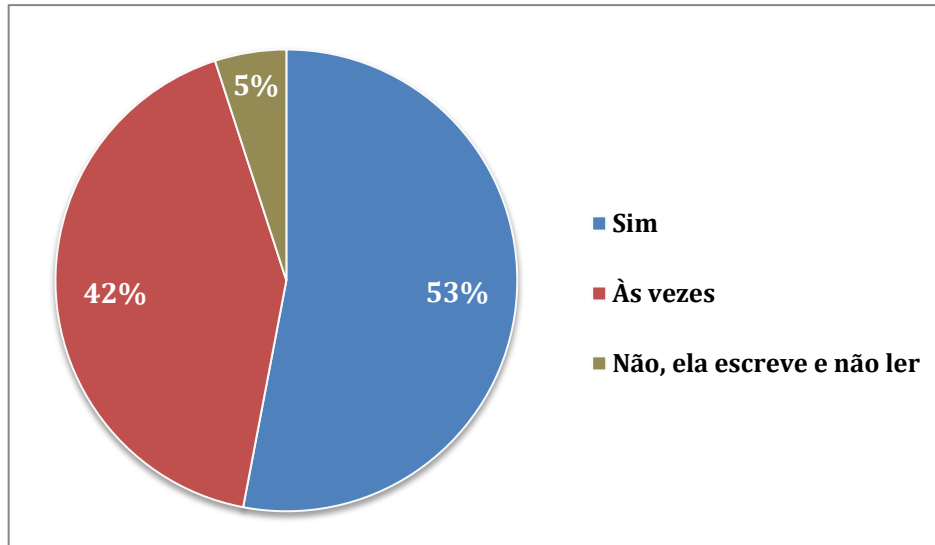
Freire (2008) diz que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Ou seja, antes de uma pessoa ser alfabetizada e aprender a decodificar, segundo esse preceito, ela já saberia ler implicitamente, mas não as palavras grafadas num livro, por exemplo, mas, grosso modo, essa pessoa sabe ler a vida.

Por meio da leitura e de nossa visão de mundo, conseguimos o domínio da palavra. Por meio da palavra, trocamos ideias e conhecimentos, sendo possível entender o mundo que nos cerca. Com o domínio da palavra, nós nos transformamos e, ao nos transformar, nos é permitido construir um mundo melhor. Através de nossas histórias, é possível resgatar lembranças. Resgatando lembranças, voltamos no tempo. Ao voltarmos no tempo, entendemos as raízes que fazem parte da nossa cultura, essa cultura que nos foi dada como base para nossa formação de cidadãos críticos e conscientes dos nossos atos. (FREIRE, 2008).

Sendo assim, é de extrema importância que a escola repense suas ações de leitura. Os jovens estão entrando na vida adulta sem saber ler e sem gostar de ler. Como a população de nosso país é formada por uma maioria de indivíduos carentes, que não trazem de casa uma cultura da leitura, a tarefa de formar crianças e jovens leitores é conferida à escola.

Sabemos que ler não é exclusividade da aula de Língua Portuguesa e Literatura, sendo que é compromisso de todo professor fomentar o gosto pela leitura aos alunos. Mas cabe ao professor de língua e literatura abrir os caminhos para o literário. A leitura literária, a ficção e a linguagem poética permitem ao indivíduo conhecer a si mesmo e ao outro. Um retorno às narrativas, um mergulho na fantasia e no mito que tanto colaboram para a compreensão de sentimentos e do mundo. E o prazer da e pela leitura é construído a partir do fantástico e da imaginação. Não é fácil ser leitor, a leitura não é fácil: requer entrega, concentração, abstração, humildade, requer um querer tão expressivo quanto um poder.

É claro que todos os educadores precisam entender a leitura como primordial na formação de cidadão, mas o professor que tem como objeto de estudo e ensino a língua o professor de Português - este precisa ser um apaixonado, ser verdadeiro e ser leitor.

Gráfico 03: Seus professores fazem leitura na sala?

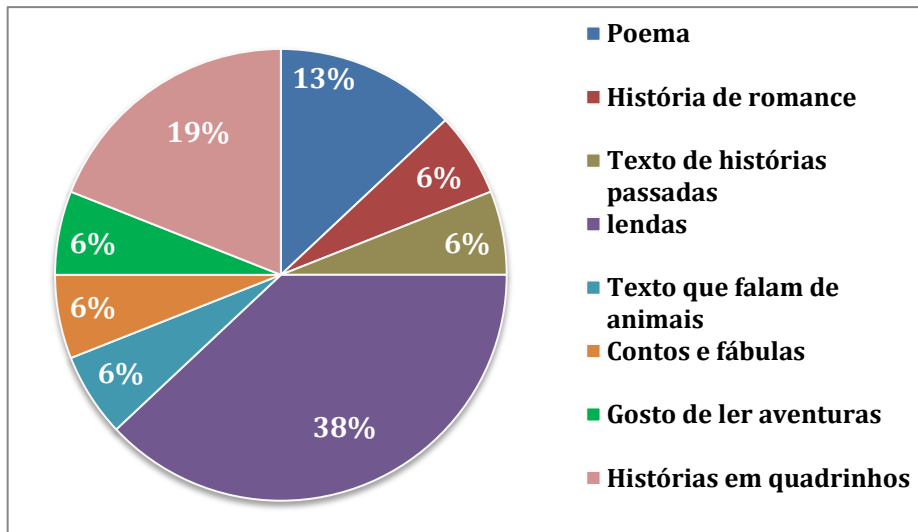
Fonte: Pesquisa da autora.

O gráfico 03 demonstra o entendimento dos alunos se seus professores fazem leitura na sala, 53% dizem sim; 42% às vezes e 5% não, ela escreve e não ler. Segundo Batista, (2010) o trabalho com leitura parece estar em um novo patamar nas escolas nos últimos anos. Os professores compreendem a função da leitura em suas diferentes modalidades: leitura pelo professor, leitura pelo aluno, leitura compartilhada, leitura para apresentar aos outros. Ler e apreciar um texto, atribuir sentido a ele, reler, comentar, comparar com outras leituras, ouvir o que dizem outras pessoas sobre o mesmo texto e ampliar seu olhar são ações que a escola pode desenvolver com os alunos em diferentes faixas etárias.

Batista (2010) afirma que a leitura feita pelo professor alcançou o "horário nobre" em muitas salas de aula e hoje não é mais vista como uma atividade sem grande importância, que é realizada se sobrar um tempinho no final do dia, ou ainda para que seja feita outra atividade com base nela. A leitura está se tornando uma atividade central da aula, ocorre diariamente e, com isso, os professores têm mostrado aos alunos sua importância. As crianças podem conhecer diversos gêneros textuais, escritores e suas obras, valorizar diferentes estilos e apreciar textos de qualidade, previamente selecionados pelo professor, que compartilha com elas os critérios de sua escolha.

Acredita-se que um bom professor, com práticas de ensino abertas ao novo, faça toda a diferença na vida de uma criança. Para formarmos leitores é preciso que olhemos para a história de leitura de cada aluno, que ajudemos a construí-la valorizando o literário infantojuvenil que está despertando o prazer de ler e trazê-la para dentro da sala de aula.

Gráfico 04: Quais os textos você gosta de ler e escutar em sala de aula?



Fonte: Pesquisa da autora.

O gráfico 04 demonstra o entendimento dos alunos sobre que textos gostam de ler e escutar em sala de aula: 13% gostam de poema; 6% de história de romance; 6% de texto de histórias passadas; 38% de Lendas; 6% de texto que falam de animais; 6% de contos de fábulas; 6% de gosto de ler aventura e 19% de histórias em quadrinhos.

Desde cedo, ainda sem dominar o código verbal, as crianças são expostas a textos reais e usam estratégias de leitura que as ajudam a compreendê-los, buscando sentido, coerência. Por meio de um trabalho de dedução e inferência, a criança percebe as pistas que o próprio texto oferece. O papel da escola é o de ampliar e fortalecer o uso dessas estratégias para que elas não sejam abandonadas pelas crianças assim que dominarem o código verbal, uma vez que são ferramentas poderosas e fundamentais para encontrar o sentido no que se lê.

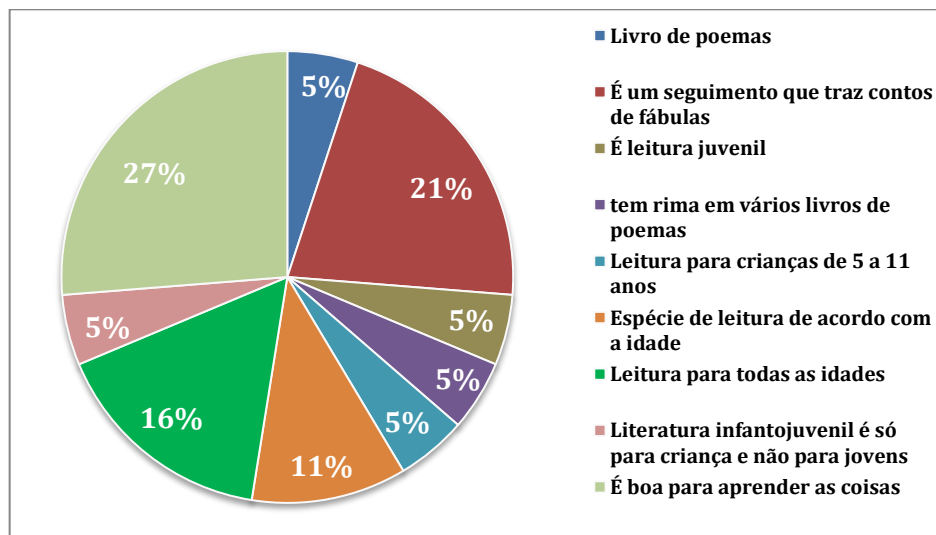
Sabendo que a formação do leitor é um processo de longo prazo, é importante que, durante todo o ano, e de forma permanente, as estratégias de leitura sejam trabalhadas com as crianças para que possamos formar leitores.

Na escola, por seu caráter em conferir legitimidade maior a práticas formais de leitura, o estabelecimento de relações com textos, leitura, deve ser significativo, isto é, aquele que atenda às necessidades e expectativas dos leitores. Se pensarmos “texto” em consonância com autores como Koch (1995, p. 08), o teremos como:

[...] uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) em uma situação de interação comunicativa e específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão.

Muito além do código linguístico, a língua é um fenômeno cultural e histórico, que se manifesta no uso e é sensível no uso, uma atividade constitutiva com a qual podemos construir sentidos e nos expressar, representar o mundo.

Gráfico 05: O que você entende por literatura infantojuvenil?



Fonte: Pesquisa da autora.

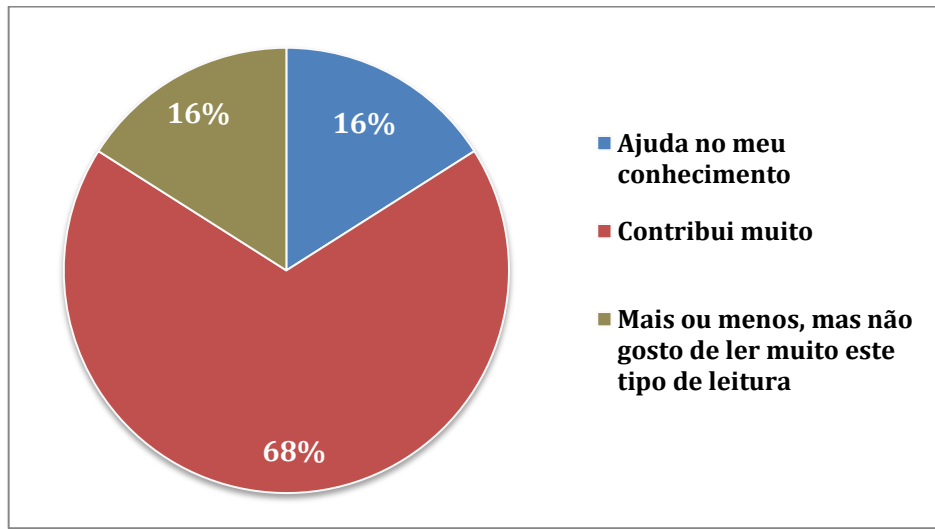
O gráfico 05 demonstra o entendimento dos alunos sobre o que os alunos entendem por literatura infantojuvenil: 5% livro de poemas; 21% é um seguimento que traz contos de fábulas; 5% é leitura Juvenil; 5% tem rima em vários livros de poemas; 5% leitura para criança de 5 a 11anos; 11% espécie de leitura de acordo com a idade; 16% leitura para todas as idades; 5% leitura infantojuvenil é só para crianças e não para jovens e 27% ser boa para aprender as coisas. Vale ressaltar que no gráfico acima percebemos que os alunos não possuem entendimento suficiente para discernir o que é de fato literatura infantojuvenil, pois as respostas foram bastante variadas.

Até bem pouco tempo, em nosso século, a Literatura Infantil era geralmente considerada pelo adulto um gênero secundário e algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (forma de entretenimento). Sua valorização como formadora de consciência no universo cultural das sociedades e como recurso para o crescimento emocional é bem recente.

Os dramas e as situações de perigo, tão comuns na Literatura Infantil, trabalham o aspecto psicológico da criança. Os psicanalistas Bruno Bettelheim, Diana Lithtenstein Corso e Mario Corso, entre outros, exploram abertamente essa questão, mostrando que amenizar as situações apresentadas na literatura não forma cidadãos capazes de interferir na organização de uma sociedade mais consciente e democrática.

É fundamental na formação do indivíduo, o hábito da leitura na infância ajuda a despertar na criança o senso crítico, além de auxiliar o aprendizado. A base do pensamento é a linguagem e a literatura fornece à infância alimentos primordiais para seu desenvolvimento: palavras significantes e imaginação.

Gráfico 06: Você acha que a literatura infantojuvenil contribui para a formação do leitor competente? Justifique.



Fonte: Pesquisa da autora.

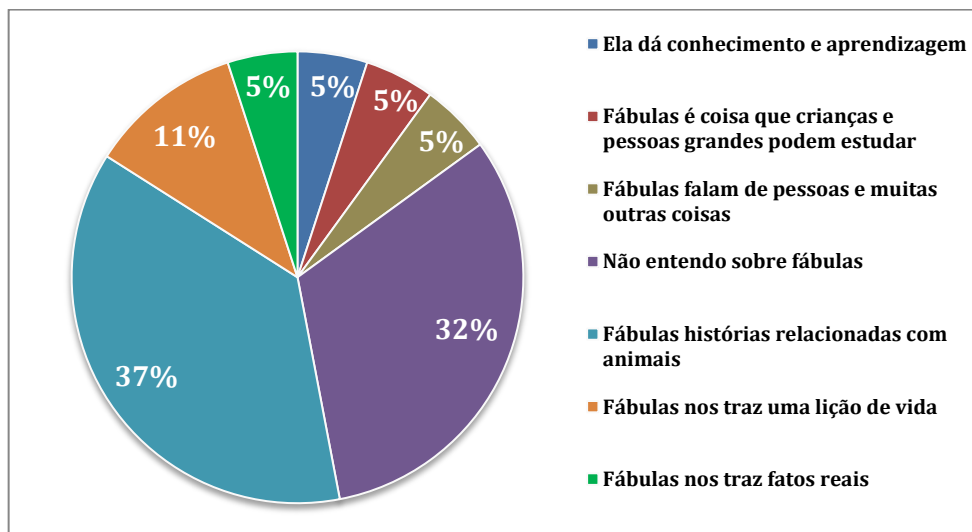
O gráfico 06 demonstra o entendimento dos alunos sobre o que acham que a literatura infantojuvenil contribui para formação do leitor competente, sendo que tivemos os seguintes resultados: 16% ajuda no meu conhecimento; 68% por contribui muito e 16% mais ou menos, mas não gosto de ler muito este tipo de leitura. É interessante enfatizar que os alunos sabem da importância da literatura infantojuvenil para sua formação cidadã, mas eles não têm noção como ela pode contribuir para a sua criticidade, tornando-os sujeitos transformadores de sua história.

Quando o assunto é aquisição da leitura e da escrita, as histórias podem oferecer muito mais do que o universo ficcional. Na verdade, elas desenvolvem aspectos importantes para a formação da criança no âmbito emocional, afetivo, social e cognitivo. Ao ouvir histórias, a criança constrói seu conhecimento a respeito da linguagem escrita, que não se limita ao conhecimento das marcas gráficas que ele terá de produzir ou interpretar, mas envolve gênero, estrutura textual, funções, formas e recursos linguísticos. Ouvindo histórias, a criança sente a satisfação que elas provocam; aprende a estrutura delas e passa a ter consideração pela unidade e sequência do texto, assim como pelas estruturas linguísticas mais elaboradas, típicas da linguagem literária. Para tanto, o educador deve ter em mente certas considerações.

Para contribuir com a formação do leitor, a leitura de história e de bons textos devem fazer parte da rotina diária dos alunos. Sabe-se que hoje há uma grande oferta de produtos e serviços para a criança e ao adolescente: internet, videogame, mídias variadas. Todas estas ferramentas concorrem com o livro. A criança, independente de sua classe social, já não é mais aquela dos contos de fadas. Não é mais aquela que senta numa sombra para ouvir histórias.

As famílias, de uma forma geral, mudaram muito. A mãe não fica mais em casa, não há muito tempo para a contação de histórias. Nossa sociedade é composta por uma maioria de pessoas em alto nível de pobreza, ainda que haja estatísticas revelando o aumento do índice de desenvolvimento humano (IDH) brasileiro, conclui-se que as pessoas melhoraram seu padrão material de vida, mas continuam marginalizadas, para não dizer pobres, no que diz respeito à cultura. É preciso discutir a literatura infantojuvenil e também a formação do leitor levando em consideração o imenso desequilíbrio social que marca nosso país.

Gráfico 07: O que você entende por fábulas?



Fonte: Pesquisa da autora.

O gráfico 07 demonstra o entendimento dos alunos sobre o que eles entendem por fábulas: 5% ela dar conhecimento e aprendizagem; 5% fábulas é coisas que crianças e pessoas grande podem estudar; 5% fábulas fala de pessoas e muitas outras coisas; 32% não entendo sobre fabulas; 37% fábulas histórias relacionadas com animais; 11% fábulas nos traz uma lição de vida e 5% fábulas tem fatos reais. A fábula é uma narrativa figurada, na qual as personagens são geralmente animais que possuem características humanas. Pode ser escrita

em prosa ou em verso e é sustentada sempre por uma lição de moral, constatada na conclusão da história.

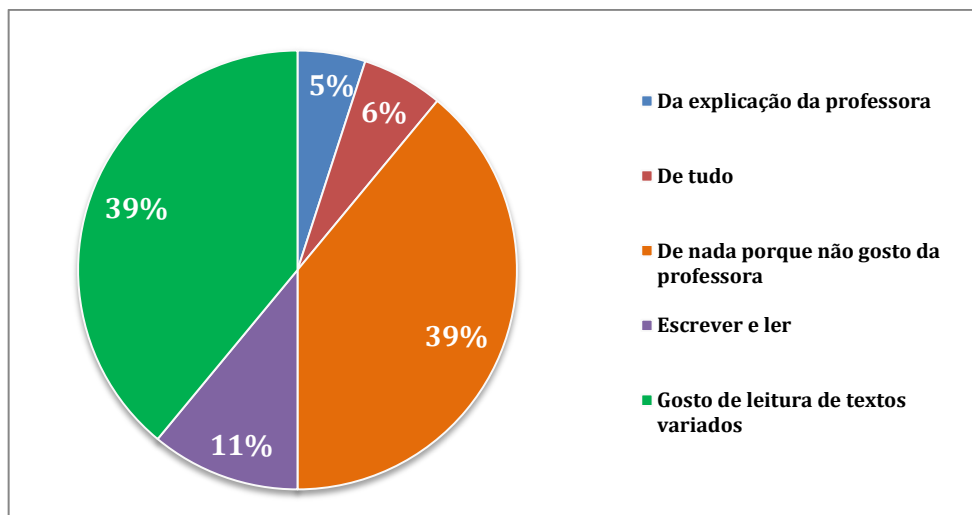
A fábula está presente em nosso meio há muito tempo e, desde então, é utilizada com fins educacionais. Através de histórias que são capazes de transformar o abstrato em concreto, por meio de valores humanos que são energia que pulsa em todos os seres humanos. Os quais estão vivos e presentes no pensamento humano a todo o momento, determinam o comportamento e orientam a inteligência e a criatividade.

E estes valores integram o conhecimento, a família, a escola e a vida em sociedade. Vinculam o ensinamento ministrado na escola às circunstâncias da vida, construindo uma consciência da ética e da estética do bem. As narrativas oferecem um manancial riquíssimo para aplacar nossa sede de encontrar o ponto de coexistência das tensões positivas e negativas da personalidade.

Segundo, Dohme (2000) em seu livro *Técnicas de Contar Histórias*, algumas indagações podem ser feitas sobre quais valores que passam, por meio de um processo educacional, pois são eles que regem a conduta humana. Desta forma muitos são os valores que podem ser trabalhados, através das narrativas: amor, caridade, prudência, justiça, honestidade, paciência, respeito, responsabilidade, fortaleza e temperança.

Percebendo que é impossível falar de Educação sem trabalhar valores com alunos através das narrativas, notamos também que a vivência através dessa experiência aumentará bastante a possibilidade de um melhor relacionamento social. Assim é importante na sala de aula que do mundo das fábulas seja retirado subsídios valiosos, visando resgatando valores para que a educação seja realmente a arte de conhecer, cuidar, criar e letrar.

Gráfico 08: O que você mais gosta nas aulas de língua portuguesa?



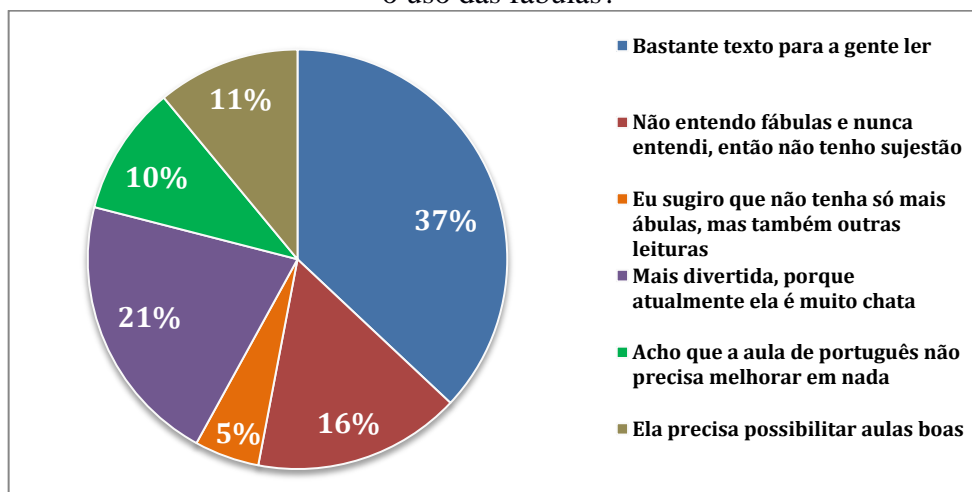
Fonte: Pesquisa da autora.

O gráfico 08 demonstra o entendimento dos alunos sobre o que eles mais gostam nas aulas de língua portuguesa na qual obtivemos os seguintes resultados: 5% da explicação da professora; 6% de tudo; 39% de nada, porque não gosto da professora; 39% gosto de leitura de texto variados; 11% escrever e ler. Vale ressaltar que há uma discrepância nas respostas dos alunos no que diz respeito ao gosto pela leitura, na qual 95% dos alunos responderam que gostam de ler no gráfico 02, mas no gráfico 08 percebemos que apenas 11% mostraram interesse na leitura.

Nessa perspectiva, cabe à escola e aos professores de língua portuguesa, disseminar uma visão da diversidade do português que aqui se fala, livre de preconceitos, e estimular a consciência de que a norma padrão precisa ser estudada como mais um fator de inclusão sociocultural do cidadão, e não pode ser vista como um manual de regras de correção centrado em si mesmo. Ou seja, conforme Faraco (2006), o papel do professor de língua portuguesa é, antes de qualquer coisa, disseminar a crítica radical ao normativismo e à gramatiquice, para que se possa proporcionar aos alunos o contato com as práticas de linguagem realmente necessárias para sua inserção na sociedade.

Nesse contexto, o estudo da gramática se apresenta como um modo de se refletir sobre a estrutura e o funcionamento da língua, voltando a ser, como o era nos seus primórdios, um auxiliar para o desenvolvimento das habilidades da fala e da escrita. Brito (1997) assim sintetiza as críticas feitas ao ensino tradicional da língua portuguesa: desconhecimento do objetivo de ensinar; valorização da norma culta e da escrita, com ênfase nas exceções em detrimento das regularidades; realização de atividades descontextualizadas e falta de sentido nas atividades de leitura e produção de Texto.

Gráfico 09: O que você sugere para melhorar as aulas de língua portuguesa tendo como base o uso das fábulas?



Fonte: Pesquisa da autora.

O gráfico 09 demonstra o entendimento dos alunos sobre o que eles sugerem para melhorar as aulas de língua portuguesa tendo como base o uso das fábulas: 37% bastante texto para gente ler; 16% não entendo fábulas e nunca entendi, então não tenho sugestão; 5% eu sugiro que não tenha só mais fabulas, mas também outra leituras; 21% eu sugiro que a aula deva ser mais divertida, porque atualmente ela é muito chata; 10% acho que a aula de português não precisa melhorar em nada e 11% ela precisa possibilitar aulas boas.

É preciso reavaliar a prática pedagógica, dentro no espaço educativo inclusive, os de língua portuguesa que lidam com a produção textual. Sabendo que existem muitas facetas no processo de aprendizado de cada aluno, é necessário que haja iniciativas constantes para que as aulas se tornem mais desejáveis. Assim, com uma fácil compreensão contribui para que o aluno tenha o interesse pela leitura e posteriormente, pela escrita, uma vez que, ainda permanece veementemente o desânimo e desinteresse por textos mais difíceis e longos.

O gênero aqui proposto tem como prerrogativa a “moral da história” de procurar uma solução para determinadas situações que acontecem em nossas vidas que no final acaba-se tirando uma lição positiva. Essa prática precisa fazer com que os educandos enxerguem a dimensão do sentido dos textos, levando-os a ter consciência dos ensinamentos da fábula que indubitavelmente serão ponto chave de discussão (SANTANA, 2016).

CONCLUSÃO

De acordo com os resultados apontados na pesquisa realizada com a Professora e com os alunos, no que diz respeito à contribuição da leitura para a formação cidadã, afirma-se então, que tanto a professora quanto a maioria dos alunos relataram que gostam de ler porque ler é bom, legal e prazeroso. Além de ela ser um processo de decodificação, apreensão e compreensão, pois ela permite a viajar por mundos desconhecidos, amplia o vocabulário, possibilita argumentos, conhecimentos, informações encontradas através do contato com os diversos gêneros textuais.

Constatou-se, por meio da resposta da professora pesquisada que ela tem um vasto conhecimento sobre a literatura infantojuvenil e assim como trabalhar em sua prática educativa o gênero fabulas. Utilizando os gêneros textuais como facilitadores da oralidade e escrita, a fábula então, como discurso, é uma fonte essencial para formar pensamentos críticos, gerando nos alunos discussões e provocando a capacidade de investigar situações de conflitos; levando-os a resolvê-las e, também gerando um auto criticidade ao olhar para suas respectivas atitudes diante das situações. (LIMA & ROSA, 2012)

Na pesquisa de campo foi possível constatar que, além de ensinar a ler e escrever, tornou-se função da escola demonstrar, por meio de práticas significativas e carregadas de sentido, que a leitura e a escrita é um instrumento cultural por meio do qual é possível comunicar-se, registrar opiniões e ter acesso ao conhecimento científicos, tecnológicos, cultural, artístico entre outras finalidades. Por isso, destaca-se nesta obra, a importância do contato efetivo com gênero fábula por compreende-se que se trata de um gênero textual literário que em sala de aula contribui de modo significativo para a motivação dos educandos e o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem.

Estes tipos de gêneros são pequenas histórias que transmitem uma lição de moral. As personagens das fábulas são geralmente animais, que representam tipos humanos, como o egoísta, o ingênuo, o espertalhão, o vaidoso, o mentiroso, os quais prima pela fruição e pela ludicidade. Isso significa que os professores em todas as práticas pedagógicas, sejam as que pretendem ampliar o nível de letramento de seus alunos ou as voltadas para o processo de oralização, ao objetivando a ampliação das experiências da educando com a leitura, podem recorrer à magia e ao encantamento proporcionado pela literatura infantil.

Além disso, no campo pesquisado, observou-se que as atividades que envolveram a literatura infantojuvenil, tendo como principal assunto o gênero fabulas, encadeou várias atividades interdisciplinar possibilitando ao aluno a aprender a fazer uso da linguagem nos mais diversos atos de comunicação.

Porém, pode ser observar no transcórre da pesquisa que havia uma grande deficiência na escrita que é desenvolvida no âmbito educativo, por diversos fatores, inclusive, quando os alunos não se sentem estimulados a participar das aulas no dia-dia. Contudo, o professor tem como foco levar um ensino significativo dinamizado para seus alunos, afim de que possam ampliar seus conhecimentos de uma maneira que saia do padrão, permitindo uma participação mais efetiva por parte deles.

Também foi observado que apesar de alguns terem uma noção do gênero fábula, há certa limitação na abordagem sobre o tema, sendo necessária a ampliação dessas em sala de aula de uma forma mais atrativa, pois, ainda não se sentem ainda realizados como são desenvolvidas as aulas de Língua Portuguesa.

Dessa forma, vale ressaltar a importância do professor de Língua Portuguesa usar em sala de aula gêneros textuais fábulas, pois em sua maioria apresentam uma narrativa curta de ficção alegórica podendo transmitir ensinamentos, assim como de sugerir uma verdade ou uma reflexão de ordem moral, cujos personagens são, em geral, animais personificados e sua linguagem pode ser formal ou informal.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Que raio de professora sou eu?** Ilustrações de Célia Eid. 6 ed. São Paulo: Scipione, 1997, p.143.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1953.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização, leitura e ensino de Português: desafios e perspectivas curriculares**. Belo Horizonte: Anais do I Seminário Nacional Currículo em Movimento - Perspectivas Atuais, novembro de 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos: ensino de língua X tradição gramatical**. Campinas, ALB, 1997, p. 287 (Coleção Leituras no Brasil).
- CAGNETI, Sueli de Souza; ZOTZ, Werner, (1986). **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica. __. Livro que te quero livre. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo:Scipione, 2008.
- _____. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009, p. 89.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história**. 8.ed.São Paulo: Quíron, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Quíron, 1985.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- DOHME, Vânia. **Técnicas de contar histórias**, São Paulo, Editora Informal, 2000.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para a reflexão sobre uma experiência suíça (Francófona)**. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004.
- FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura Infanto-juvenil e educação**. Londrina: EDUEL, 2007.
- FARACO, C.A. 2006. **Ensinar x não ensinar gramática: ainda cabe esta questão?** Calidoscópio, 4(1):15-26.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 49 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7 ed., São Paulo: Atlas, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). **Texto e coerência**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Renan; ROSA, Lúcia. **O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita**. CIPPUS – REVISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO UNILASALLE. Canoas – RS, v. 1 n. 1, p.153-169, maio/2012.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Editora Globo, 2000.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. (Org.). **Gêneros discursivos no ensino de leitura e Produção de textos**. Taubaté: Cabral, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Cortez, 2008.

RICHE, Rosa Maria Cuba. **Literatura Infanto-juvenil contemporânea: texto/ contexto – caminhos**. Perspectiva, Florianópolis, v.17, n.31, p. 127-139, jan.1999.

SANTANA, Rônia. **A fábula como instrumento para iniciação à literatura no Ensino**. 2016. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas**. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SOUSA, M.A. de. **Interpretando algumas fábulas de Escopo**. Rio de Janeiro: Thex Ed, 2003,

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: Ponto & contraponto**. Porto Alegre: Global, 2008.

Filme: “Três Porquinhos e um Bebê 2015”. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=IFQfu3W2xWU>

Filme: “Os três porquinhos filminho”. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=6WMHXXeBp8g>

Filme: “Os três Porquinhos”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T4UaisuYm90>

Textos. Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+textos+sobre+desigualdades+sociais>

Apêndice



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA- PARFOR
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA - PARFOR

QUESTIONÁRIO

Caríssimos discente sou a acadêmica **Lúcia do Socorro de Castro Mendes** da **Universidade Federal do Pará** do Curso de **Letras Língua Portuguesa – PARFOR** estou fazendo uma pesquisa de campo “a qual será de grande importância para o meu trabalho de conclusão de curso que tem como tema: **Um Olhar Especial para o Ensino da Leitura por Meio da Literatura Infanto-juvenil com os Alunos do II Ciclo do Ensino Fundamental**”, suas respostas muito contribuíram com minha pesquisa.

1 – Que você entende por leitura?

2 – Você gosta de ler? Por quê?

3 – Seus professores fazem leitura na sala?

4- Quais os textos você gosta de ler e escutar em sala de aula?

5 – O que você entende por literatura infantojuvenil?

6 – Você acha que a literatura infanto-juvenil contribui para formação do leitor competente?

Justifique.

7 – O que você entende por fábulas?

8 – O que você mais gosta nas aulas de língua portuguesa?

9 – O que você sugere para melhorar as aulas de língua portuguesa tendo como base o uso das fábulas?
